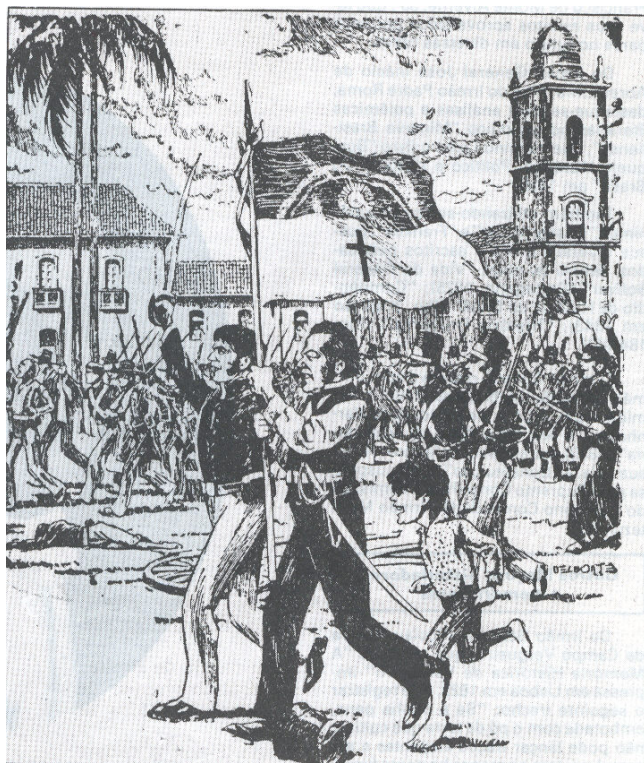


A REVOLUÇÃO NATIVISTA DE 1817 E OS MAÇONS

A gana de ver a Pátria independente, visando a fundação de uma República, esses homens, cuja maioria pagou com a vida o “atrevimento” bendito de amar a Pátria acima de tudo, deixaram um exemplo de heroísmo que jamais pode ser apagado da memória nacional. (Ir.º Raimundo Rodrigues)



O conflito interno mais grave ocorrido durante o período de D. João 6º no Brasil foi a chamada **Revolução Pernambucana de 1817**. Movimento autonomista de inspiração republicana e **maçônica**, foi fruto do forte sentimento nativista e separatista que grassava em Pernambuco desde a expulsão dos holandeses em 1654. Em 6 de março de 1817, um grupo de revolucionários assumiu o poder na Província, declarando-a república separada do resto do Brasil. O novo regime só durou até maio, quando tropas portuguesas invadiram Recife e debelaram o movimento. Seus três principais líderes, **todos maçons**, (entre eles o padre Miguelinho) foram fuzilados.

O desejo de República era arraigado e isso acontecia principalmente no meio maçônico. Com a instalação do regime republicano, dos países do centro e sul-americanos, onde a participação maçônica foi fundamental e decisiva, tanto antes como depois da independência, surgiram diversos movimentos autonomistas regionais, no Brasil, e todos eles com a finalidade de implantar a República.

A **revolução pernambucana de 6 de março de 1817**, está na linha das reações nativistas, que se vinham fazendo sentir no Brasil desde o século XVII. Agora, com maior extensão e profundidade, estavam presentes as idéias de **liberdade, autodeterminação dos povos, de república**, inerentes ao século.

O revolucionário Capitão-Mor de Olinda **Domingos José Martins** (?.), o popular “Suassuna”, natural da capitania do Espírito Santo, após excursão pela Bahia, Pernambuco e Ceará, partiu para a Europa. O companheiro de ideais, **Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque** (?.), tomou o rumo da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. **Ambos eram maçons**. *A Maçonaria, sociedade de grande influência na vida brasileira, fomentava discussões políticas, e pregava abertamente idéias novas: liberdade, república.*

Um incidente na festa da Estância, celebrada, anualmente, para comemorar a derrota holandesa, tumultuava o ambiente de paz. Um alferes do Regimento dos Henriques, miliciano preto, surrara um português que injuriava brasileiros. Duvidou-se da fidelidade dos oficiais brasileiros, à Coroa. Caberia ao marechal José Roberto a prisão dos civis e, aos chefes dos regimentos, a prisão dos militares. Os civis e o ajudante Teixeira, presos facilmente. O brigadeiro Manoel Joaquim

Barbosa, português, atravessado a espada pelo capitão Domingos e tenente Cavalcanti. O governador recebeu aviso dos oficiais portugueses do regimento de artilharia. O ajudante de ordens, enviado para abafar o motim, também morreu quando tentou penetrar no quartel de Paraíso.

Domingos Martins, o capitão Domingos e outros oficiais, uma vez soltos, começaram a agir para a implantação da nova ordem política. O governador, com grande contingente de soldados, alguns elementos da oficialidade e abundante munição, refugiou-se no Forte do Brum. Em um conselho de cidadãos brasileiros, proclamou-se ao povo a legitimidade da insurreição. Organizou-se o ataque a essa fortificação, e destacou-se um contingente de trinta soldados, comandados pelo capitão Amaro Francisco de Moura, para Olinda. O capitão Domingos, à frente de 800 homens, assediou o forte. Este capitulou. O Governador, sem qualquer resistência, embarcou para o Rio de Janeiro.

Sete de março, a revolução vencera!

Elegeram-se então um governo provisório, de caráter republicano, nos moldes do que ocorrera na França: padre João Ribeiro Pessoa – classe eclesiástica; capitão Domingos – militar; Manoel Correa de Araújo – agricultura; José Luís de Mendonça – magistratura; e Domingos José Martins – comércio. Uma proclamação ao povo, em linguagem veemente e precisa, procurou unir brasileiros e portugueses, apelando para a pátria nova que nascia... *Pátria, nossa mãe comum...* “sois portugueses, sois americanos, sois brasileiros, sois pernambucanos”.

Resplandecia o espírito nativista.

O espírito liberal, tipo Revolução Francesa, dominava. Tratou-se, por fim, de estender o domínio republicano a toda a capitania, e às vizinhas. **Alastra-se o ideal republicano.**

Enquanto D. João VI preparava a repressão, propagava-se a revolução pelo interior da capitania: Itamaracá e comarca de Alagoas. Na Paraíba, o capitão André Dias de Figueiredo e Manuel Clemente Cavalcante, partindo de Itabaiana, via Vila do Pilar, marcharam sobre a capital, onde o governo ficou em mãos do coronel Amaro Gomes e do tenente-coronel Estevão Carneiro, os quais, 14 de março, proclamaram a república e hastearam a bandeira da liberdade. Dia seguinte, dois mil homens, comando do sargento-mor Antônio Galdino Alves da Silva, receberam aclamação na capital. No Rio Grande do Norte, André de Albuquerque Maranhão, à frente de cinquenta soldados paraibanos, proclamou, a 29, a república, sem o interesse do povo.

Desejosos de angariar recursos e novas adesões, e apressar o reconhecimento do Brasil novo pelas nações amigas, os chefes pernambucanos enviaram emissários: ao Ceará, subdiácono José Mariano de Alencar, à Bahia, **Padre Roma**; no dia 29 de março de 1817, o Conde dos Arcos, representando os Braganças, mandou fuzilar o maçom Padre Roma – José Ignácio de Abreu e Lima, no Campo da Pólvora, em Salvador, onde foi preso, quando levava aos baianos a notícia da Revolução de 6 de março que oferecia uma pátria aos brasileiros, sob o regime republicano.

Nenhuma derrota abateu o ânimo dos revolucionários.

O chefe de cada regimento jurava, naquele dia, defendê-la até a morte.

O governo provisório não se mostrou á altura da gravidade do momento. Tentou, pelo uso da guerrilha conter o movimento da contra-revolução. Inútil. Do ponto de vista militar, nada pôde conseguir. Os insucessos eram constantes.

A tropa reuniu-se no Engenho Velho do Cabo, onde se deu a assunção do comando. Acompanhava-a, como secretário, revolucionário **Frei Joaquim do Amor Divino Caneca** (.'.) Pertencia à Ordem carmelita. Integrava o quadro da Acadêmica de Suassuna, a qual, segundo historiadores era uma Loja Maçônica e na qual o frei havia sido iniciado.

Organizaram-se duas expedições republicanas: uma pelo interior, comando do capitão José Francisco de Paula Cavalcanti (.'.) e outra, de Domingos José Martins (.'.), pelo litoral.

Fácil, batê-los por partes. Contra Martins (.'.), duas companhias de infantaria, duas de pardos de Penedo e a de cablocos de Atalaia. Em Engenho Pindoba, próximo ao rio Merepe, ocorreu chacina. Domingos José Martins (.'.), preso.

A 13 de maio. Engenho Trapiche, Paula Cavalcanti (.'.) enfrentou os realistas. Possuíam vantagem: quatro por um. Pânico: abandonou-se toda a artilharia, munições, bagagens, caixa militar, 300 prisioneiros, além de mortos e feridos.

Acabou-se a liberdade. Com a chegada de Cavalcanti à Recife, o governo, sem mais capacidade de manter-se buscou salvar-se na rendição. Espalhou-se que todos os europeus seriam degolados e Recife arrasada, se a capitulação não fosse concedida. Rodrigo Lobo exigiu a prisão dos autores da revolta, governadores e comandantes, entre eles Frei Caneca, permaneceu preso por 4 anos nos calabouços.

Esmorecera o governo, que, por fim, dissolveu-se, assumindo Domingos Teotônio Jorge plenos poderes. Tarde demais. A reação já não se podia executar com êxito. Recife, abandonada. A força naval ocupara a cidade. Iniciou-se a punição dos revolucionários. Falhara a experiência republicana.

Valdemar Sansão
E-mail: vsansao@uol.com.br
Fone: (011) 3857-3402



Fonte de Consulta:
História do Exército Brasileiro

PERFIL MILITAR DE UM POVO



A 3 de abril de 1817, formada a tropa no Campo do Erário – atual Praça da República – efetuou-se a benção da bandeira e do laço nacional. Estes nas cores azul e branco; a bandeira um retângulo dividido em duas partes iguais, azul em cima, e branco embaixo. No centro da área branca, uma cruz latina vermelha, e na azul, um sol refulgente ao centro, encimado por um arco-íris de três cores, branco, amarelo e vermelho, de baixo para cima, sobreposto a três estrelas prateadas. Este emblema de paz chamava à sua causa os que tivessem anseio de liberdade, amor à pátria e à espécie humana. Perdura até hoje, em sua infinita beleza, nos mastros de Pernambuco-Estado.